



DISPARANDO ENLACES DE CORPOS E ESCRITAS: A PRODUÇÃO DO COMUM EM UMA EDUCAÇÃO ENTRE TELAS*

TRIGGER BODIES AND WRITING BONDS: THE PRODUCTION OF THE COMMON IN AN EDUCATION BETWEEN SCREENS

André Bocchetti 1
Adriane Ogêda Guedes 2
Priscilla Menezes de Faria 3

Resumo: O artigo analisa modos de enlaces corpoescriturais produzidos em encontros levados a cabo durante duas versões de um curso de extensão interinstitucional realizado em caráter remoto durante a pandemia de covid-19 no Brasil. A partir de convites virtuais de exercícios de corpo-escrita, por nós denominados “disparadores”, vimos surgir, nessa proposta, um conjunto de situações e modos de partilha que nos levaram a mapear certas maneiras pelas quais as experiências vivenciadas pelas(os) participantes produzem “enganchamentos” intensivos entre eles. Para além da movimentação da própria noção de laço social, nossas análises nos levaram a pensar o modo como espaços comuns produzem corpos e se produzem entre eles, gerando possibilidades de criação que nos parecem valiosas em propostas educacionais realizadas a partir do encontro.

Palavras-chave: Laço Corporal. Corpo e Comum. Educação Poética. Escrita e Corpo.

Abstract: The article analyzes modes of body-scriptural based bonds produced in meetings held during two versions of an inter-institutional extension course carried out remotely during the covid-19 pandemic in Brazil. From virtual invitations to bodying-writing exercises, called “triggers” for us, we saw, in this proposal, a set of situations and ways of sharing that led us to map certain ways in which the experiences lived by the participants produce intensive “hooks” between them. In addition to the movement of the very notion of social bond, our analyzes led us to think about the way in which common spaces produce bodies and are produced between them, generating possibilities of creation that seem valuable in encounter-based educational proposals.

Keywords: Bodily Bound. Body and Common. Poetic Education. Writing and Body.

*Apoio: Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ).

- 1 Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5057082184074025>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9773-4734>. E-mail: andreb.ufrj@gmail.com
- 2 Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (RJ). Professora Associada da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4803819887549154>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5632-4539>. E-mail: adriane.guedes@unirio.br
- 3 Doutora em Artes Visuais pelo Programa de pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RJ). Atualmente é professora Adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2833211343881971>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4004-2128>. E-mail: priscilla.menezes@unirio.br



Algum lugar,
Você, eu.
Entre nossos olhos,
A distância entre nossos corpos.
Esperas nos atravessam por quilômetros
de vontades.
Às vezes, nenhuma.
(Uma participante)

Por diferentes vias, as autoras e o autor deste texto têm se dedicado a mapear um pouco do que acontece (de educativo) quando corpos e escritas se produzem em ajuntamento. Aqui, exploramos essa “partilha dos corpos” problematizando a produção de laços intensivos que, nascidos da comunicação entre corpos em produção, os implicam em planos afetivos comuns, gerando composições e transformações educacionais as mais distintas. Como em boa parte da obra do filósofo José Gil (1997, p. 200), estamos nos referindo, portanto, aqui, aos processos pelos quais ocorrem “deslocamentos de afectos” entre os corpos. Gil se dedica a mapear tais movimentos a partir da magia, de rituais xamânicos, da transferência psicanalítica. Nesse texto, focamos em notar alguns modos pelos quais tais comunicações acontecem a partir de um dispositivo que foi capaz de viabilizar laços fortes também entre nós três: um curso de extensão universitária, chamado “Escritas que Dançam, Corpos que Escrevem”¹, que tendo sido fortemente impactado pela pandemia, nos chamou a atenção para modos de agenciamento entre corpos até então não problematizados por nós. A experiência nos levou a responder à pergunta “Como é possível formar laços sociais entre corpos à distância?” de um modo bastante peculiar, e decidimos explorá-la nas páginas que se seguem.

Muito da noção de laço social tem sido problematizado a partir da obra de Jacques Lacan (1992), pela qual é o próprio discurso o elemento de regulação do vínculo entre os sujeitos. O discurso, essa “estrutura sem palavras” que domina a produção significativa – que “sem palavras”, “pode muito bem subsistir” (LACAN, 1992, p. 11) –, ordena modos de vinculação específicos, a depender de sua qualidade². Pelo Escritas, como se notará, pudemos ver tal mecanismo em funcionamento. Mas tivemos, também, a oportunidade de enxergar produções comunais surgindo de planos e atmosferas experimentadas entre seus participantes, que nos levaram a recorrer ao pensamento de autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995; 1997) ; José Gil (1997; 2001; 2005) para que com elas pudéssemos nos relacionar. Terminamos, portanto, por desembocar em um tensionamento da noção de laço social a partir dos próprios modos de incorporação da e pela escrita que, nos parece, pode ser capaz de agregar outros elementos para a questão da vinculação entre existências – o que, no campo educacional, tem nos aberto espaços para outros modos de pensar os espaços coletivos nos quais estamos, como professores e professoras, regularmente imersos.

O ano de 2020 estava apenas começando. Entre nós, a ideia de construirmos um curso interinstitucional³, integrando práticas de escrita e abordagens de educação somática – no caso,

¹ Daqui em diante, nos referiremos a esse curso por seu nome em extenso ou, simplesmente, por Escritas. O curso está registrado como atividade de extensão a partir de dois projetos concomitantes, junto às universidades que dele participam: um deles é o “Escritas que dançam, Corpos que escrevem”, cadastrado no Departamento de Extensão e PRAE da UNIRIO; o outro, que tem nele uma de suas frentes, é o “Reinscrevendo os saberes do corpo: dança, Biodança e educação somática na formação de professores(as)”, cadastrado junto à Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ.

² Lacan, em seu Seminário 17, se refere a quatro tipos centrais de discurso, dando-nos elementos para pensar os modos de produção de laços sociais a partir deles: o discurso do mestre, o discurso universitário, o discurso da histeria e o discurso do analista. Por intencionarmos seguir um caminho distinto de sua análise, não os abordaremos por aqui; para um resumo das questões por ele colocadas sobre a temática, veja-se Coelho (2006).

³ Esse curso de extensão iniciava a primeira parceria interinstitucional entre professoras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e um professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que, atuando no campo das artes, da corporeidade e da formação de professores, integravam nesse projeto suas áreas

a Biodanza⁴ –, ganhava forma. Veio fevereiro daquele ano e, com ele, o início do que seria um percurso de experimentações poéticas e corporais. Nosso primeiro encontro no início de março reuniu cerca de 30 participantes de origens variadas: universidades, escola básica, formação em dança... O convite-divulgação do curso dá notícias do que impulsionava o projeto:

Um curso de extensão voltado a estudantes universitários, professores, artistas e pesquisadores interessadas/os em experimentar o corpo e a escrita para além da lógica da representação.

Explorando a força poética do corpo, do encontro e da palavra, a proposta pretende apoiar a ampliação dos potenciais expressivos de seus participantes por meio da criação artística e da prática de uma abordagem corporal específica, a Biodanza.

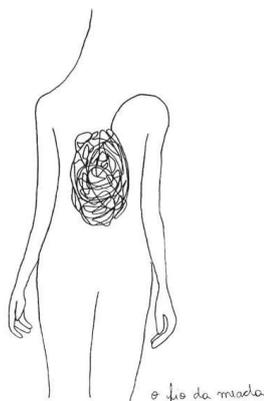
Por um lado, vivenciaremos a força transgressora dessa prática que nos convida, por meio da música, do movimento e da produção afetiva, a outras produções de mundo e de si mesmo. Por outro lado, daremos formas poéticas às afetações e aos sentidos surgidos durante as vivências, pesquisando a possibilidade de uma escrita, em amplo sentido, que não seja a respeito do corpo, mas a partir do corpo e junto com ele.

Interessava-nos, portanto, investigar as afetações que a experiência promovida pela Biodanza, abordagem corporal na qual um dos professores é facilitador, poderia produzir nos registros que surgiram com e a partir da experiência. O entendimento de registros, aqui, incluía expressões variadas para além do registro verbal, abarcando outras formas de produção, em outras linguagens. Não desejávamos que a escrita funcionasse como uma forma de narrar o vivido, mas que fosse, ela mesma, uma experiência em si, com sua atualidade e sentido próprios, e que, ao nascer e se inspirar no movimento, pudesse ser produzida como um amálgama corpoescrita. Nesse sentido, pensar o título, o texto da proposição e a condução teriam esses desejos de investigação como suleadores⁵. Uma das coordenadoras, professora e artista visual, indicaria uma de suas criações para imprimir à divulgação um pouco mais dos sentidos que estávamos desejando criar, um desenho que trazia essa ideia e convidava a produção de sentidos:

de pesquisa e ensino.

4 A Biodanza é uma abordagem em educação somática que tem no encontro, no movimento e no contato entre corpos suas proposições centrais. Para análises que aproximam tal prática de reflexões no campo educacional, vide Bocchetti (2017; 2019).

5 O termo sular surge pela primeira vez nos textos do físico Marcio Campos (1991), questionando a demarcação de certos espaços e tempos, períodos e épocas da História Universal e da Geografia que foi imposta pelos países considerados centrais do planeta. O termo “nortear”, mais usual para se referir a orientação, só faz sentido se tomamos, em relação aos pontos cardeais, para quem se situa no hemisfério norte. Campos (1991) afirma que em qualquer referencial local de observação, o sol nascente do lado do oriente permite a orientação. No Hemisfério Sul, o Cruzeiro do Sul permite o “suleamento”. É Freire que em 1992, em diálogo com Campos, associa o termo à epistemologia do saber com a defesa e valorização da identidade nacional e do contexto local dos estudantes no processo educacional e de leitura do mundo. Sular pensamentos e práticas é uma perspectiva que se anuncia no pensamento freireano para fortalecer a construção de práticas educativas emancipatórias.

Ilustração 1. O Fio da meada

Fonte: Priscilla Menezes.

Um traço que nasce do dentro, constitui o corpo e desenha seus contornos. Ou seria um traço que, desde o contorno que se faz corpo, inventa uma interioridade? Onde começa o interior do corpo, onde termina a força constitutiva do traço? A arte de Priscilla Menezes já dava pistas sobre os emaranhamentos entre corpo e escrita mirados pela proposta.

Uma passagem da história do curso o inaugura de modo peculiar. Na nossa última reunião do planejamento que antecedia o início das atividades, realizada em uma das salas cedidas pela Escola de Teatro da UNIRIO, jazia próxima a uma das paredes da sala um caixão, objeto de cena de uma montagem que os estudantes de teatro estavam produzindo. Pedimos que o caixão fosse retirado, se possível, até o dia do primeiro encontro, que se daria em 13 de março de 2020. Ao chegarmos, no dia 13, lá estava o caixão, quase como um anúncio-metáfora do que estava por vir. Logo nos dias seguintes, a convocação ao isolamento social se instalava em nossa cidade, a pandemia se estabeleceria no Brasil e a universidade suspenderia suas atividades presenciais. Assim, foi preciso interromper os encontros, e enviamos um e-mail avisando da suspensão das atividades até, a princípio, o dia 30 de março. Mal sabíamos que ali se iniciava o longo período sem encontros corpo a corpo que viveríamos⁶ (e que ainda estamos vivendo no tempo em que produzimos essa escrita). Nossa comunicação com os participantes era via e-mail e em 20 de março de 2020 recebemos esta mensagem:

*Espero, do fundo do coração, que todos estejam bem!
Com essa quarentena, minha ansiedade tem aumentado,
tenho me sentido desmotivado para me movimentar (em
vários sentidos): estive pensando, será que seria possível
termos algum modo de compartilharmos nossas escritas
dançantes e nossos corpos escritores de uma forma virtual
(grupo no wpp, drive, etc) nesse período tão complicado? Se
não acharem ideal, super entendo.
Equipe Escritas que dançam, vocês acham que é viável?
Desculpa atrapalhar a quarentena.*

Muito obrigado!
Bebam água!

Zé.

⁶ Nós que, privilegiados, pudemos efetivamente nos isolar, como nos lembra André Lepecki (2020) ao se referir aos diferentes modos de gerir os movimentos postos em operação por políticas diversas - as neoliberais entre elas - durante a pandemia.

Aquela mensagem nos convocaria à resposta. Foi um tempo em que todas/todos nós estivemos bastante sem direção, inclusive em nossas universidades e em suas comunidades. Tempo de ansiedade, perplexidade, ignorância. De forma tateante fomos em busca, cada qual como foi possível, de nos entendermos em meio a esse processo. Após muitas reflexões, algumas reuniões e planejamentos, iniciamos, em 4 de junho daquele 2020 confuso, o primeiro encontro remoto do curso. A equipe inicial contava com uma bolsista de extensão de uma das universidades, uma bolsista de ensino que atuava como pesquisadora voluntária e os três professores coordenadores.

Mais do que um caminho muito claro e estruturado, essa nova versão do curso surgiu a partir de algumas apostas. Era necessário manter viva a problematização do emaranhamento entre produção de corpos e de escrituras que nos animara desde o início. Decidimos, então, que proporíamos convites virtuais de exercícios de corpo-escrita, aos quais chamamos disparadores, a serem experimentados pelos participantes em momentos assíncronos (nomenclatura que passou a compor nossos vocabulários em tempos de afastamento social) e, em encontros síncronos quinzenais, partilharíamos o percurso de produção e o modo como as propostas nos afetaram, além da escrita – o texto narrativo, a imagem, a poesia etc. – que cada um(a) produzira a partir dela. Via de regra, as produções eram partilhadas e todo o diálogo nos nossos encontros partia daí.

Nenhum de nós tínhamos familiaridade com os encontros realizados em plataformas de conferência virtual. Por força das circunstâncias, estávamos necessariamente tendo que nos afinar com as ferramentas de que dispúnhamos para criar estados de presença, lidando com seus limites e possibilidades – já que também na graduação dos cursos de Pedagogia e de licenciaturas as mais diversas, onde atuamos, essa era a perspectiva que se anunciava: uma formação que se daria, ao menos até que a situação se modificasse, à distância. Assim, o curso, nessa modalidade online, se estruturou em oito encontros quinzenais, e seu resultado e tudo o que ele produziu em todas e todos que integraram o projeto mobilizou afetos e reflexões, nos permitindo afirmar essa ação como uma espécie de bálsamo a nos firmar os pés no chão do coletivo; a nos permitir, freireanamente, esperar em tempos disruptivos.

Em 2021, percebendo a força do que havíamos vivenciado no ano anterior, decidimos por dar continuidade ao curso, agora com nova configuração. Nessa nova versão, convidamos para integrar a equipe dois participantes do primeiro curso com os quais estreitamos laços. Necessário destacar que a metodologia de desenvolvimento do curso envolvia um encontro com os participantes e o seguinte, com toda a equipe, quando nos dedicávamos a planejar os disparadores a partir dos acontecimentos do encontro com o grupo. Esse modo de pensar e criar coletivamente o trabalho se modulava por uma escuta que garantia a presença das diferentes expressões e experiências dos integrantes do grupo.

Incitar o comum: disparar

REPETIR ATÉ DIFERIR

- Escolha um dia para realizar seus movimentos cotidianos tomando maior consciência sobre eles. Perceba quais são os gestos e trajetos que se repetem ao longo dos seus dias.

- Escolha um trajeto cotidiano para você nesse momento: pode ser uma caminhada até a cozinha, uma ida até a janela para se recostar nela, o levantar da cadeira para ir até a pia lavar algo. O importante é que seja algo que se repita ao longo dos seus dias. Comece a repetir esse trajeto e pense em seus elementos: nos momentos e gestos que fazem parte dele. Reproduza-os fora do contexto em que ele se originou. Repita-o até que ele adquira a qualidade estética daquilo que se poderia chamar de: um passo de dança.

- Trabalhe esse gesto-dança acompanhando-o dessas três

músicas: “Maniac” (Michael Sembello); “Valse des Niglos” (Jo Privat); e “The wedding song” (Kenny G). Dance. Veja o que muda, o que a cadência de cada uma delas faz ao seu movimento.

- Depois de ter dançado o seu trajeto cotidiano, rememore o trajeto original, que deflagrou essa experimentação. Lembre de si mesma/o realizando. Imagine que se vê de fora, praticando esse gesto/trajeto. Tente visualizar apenas seu corpo, ignorando os objetos/cenários com os quais interage. Como esse corpo está se movendo? Descreva essa movimentação desde esse ponto de vista exterior, utilizando a terceira pessoa do singular (ele, ela, elx) ou realize um desenho/colagem/pintura que produza essa descrição.

Foi com esse convite que inauguramos nossas incitações aos exercícios de corpo-escrita que animariam nossos encontros. Esse primeiro disparador foi, como todos os demais viriam a ser, composto coletivamente pela equipe organizadora do curso. Estávamos em maio de 2020, momento em que nos encontrávamos há, pelo menos, dois meses em isolamento social. Já ali compreendíamos que não nos interessava realizar nenhuma proposta que excluísse as tensões e as questões da realidade que nos atravessavam e, assim, desde o princípio, abrimos mão de qualquer noção de conteúdo programático, nos voltando para os temas emergentes que captaríamos das próprias experiências vivenciadas em grupo. E emergiam, naquele momento, entre muitas outras, as questões da rotina, do tédio e da solidão.

Mobilizados por essas tensões, criamos um primeiro disparador que visava partir do reconhecimento daquilo que insistia em se repetir, convidando para uma invenção que pudesse se dar com essa constatação. Além disso, nos interessou a proposição de uma escrita que pudesse operar como um dispositivo de saída de si, de possibilidade de encontro com esse estrangeiro que nos interpela e nos arranca de nossos modos de existir, e que autores como Foucault, Blanchot e Deleuze pensaram como o “fora” (LEVY, 2011). Naqueles dias de exacerbado fechamento em questões, sensações e pontos de vista particulares, o simples convite para que se pudesse narrar o próprio trajeto a partir de um ponto de vista deslocado do eu nos pareceu guardar a fagulha de um necessário e almejado alargamento de mundo. Assim, mobilizados por temas emergentes, fizemos o primeiro disparo impulsionado por essas apostas éticas e poéticas. E foi essa qualidade de mobilização e de aposta que compareceram na composição dos demais disparadores.

O primeiro encontro com o grupo, subsequente ao envio do disparo, nos deu sinais de que, de fato, aquele convite havia potencializado questões e processos criadores. Em uma dinâmica simples, cada um dos participantes foi descrevendo seu processo criativo e fazendo relações com questões, conceitos e conteúdos os mais diversos que, via de regra, eram acolhidos por outro participante que pegava o gancho (termo que aqui destacamos pois a ele retornaremos) da fala anterior e fazia a exposição de seu próprio trabalho. A equipe organizadora, desde o princípio, também se colocou em posição de realizar as proposições pois compreendeu que, apenas assim, teria recursos para se enganchar na conversa, visto que o único pré-requisito para estar ali era ter tido alguma experiência com o disparador. Os coordenadores, portanto, não habitavam aqueles encontros a partir de uma promessa de acúmulo de saber. Ao modo da figura do mestre ignorante de Rancière (2010), o que sustentávamos ali era a vontade de encontro entre pessoas, saberes e criações.

E foram vários os disparadores, cada um preparando para o encontro síncrono que a ele se seguia, dias depois. No momento de sua produção, podíamos contar não apenas com os temas emergentes do contexto que vivenciávamos, mas também com as próprias questões surgidas em encontros anteriores. Buscando afinar nossas escutas, sensibilidades, percepções e desejos, passamos então a compor os disparadores em uma prática coletiva e artesanal, que considerava as questões deflagradas pelos grandes movimentos coletivos, pelas singularidades partilhadas e pelos nossos desejos em comum. Aos poucos, os disparadores foram se tornando textos cada vez menos

prescritivos e mais reflexivos e literários, como por exemplo o disparador 4:

PERMANECER NA REDUÇÃO

A experiência do isolamento social tem sido, em grande medida, um processo de contração das nossas possibilidades de expansão geográfica. Subitamente, nos vimos convocadas(o)s a permanecer a maior parte do tempo em nossas casas e/ou a fazer apenas roteiros limitados e pré-estabelecidos. Por outro lado, passamos a receber um sem número de convites para cursos, aulas, encontros e lives via plataformas digitais que, apesar de muito interessantes, desestabilizam a divisão entre vida pública e vida privada e de tempo de trabalho e tempo de descanso. Quem está podendo fazer a quarentena em casa, via de regra, tem visto sua sala e quarto transformados em praças públicas, assentos de auditório, salas de aula e de reunião. Os dispositivos que costumavam amparar nossos corpos cansados pelos dias de trabalho se tornam agora locais onde não paramos mais de trabalhar e estudar. Nesse sentido, parece que estarmos lançada(o)s a uma expansão infinita e incessante de convocações pelas nossas presenças, atenções e forças de trabalho, algo que é inerente ao sistema capitalista mas que, nesse momento, não tem contado com dispositivos espaciais e temporais que assegurem sua mínima regulação. Como a ampliação dessa não-regulação tem moldado nossas subjetividades? Será que ainda sabemos descansar? Conseguimos sustentar momentos de recolhimento e desfrutar deles? Temos força para perceber nossos limites e lutar para que sejam respeitados? Conseguimos prestar atenção concentrada nas atividades que realizamos? Nesse sentido, o nosso convite dessa vez é para que possamos praticar uma experimentação consciente de expansões e recolhimentos até chegarmos a um processo de redução, onde iremos tentar explorar a amplitude do mínimo. Nossa aposta é a de que carecemos nesse momento de praticar outros modos de expansão que não pela via da dispersão, mas através da concentração.

“Find our way home” (Message to Bears) é uma música cheia de leveza e intensidade. Nosso convite é que você, embalado por ela, experimente a intercalação de movimentos amplos e mínimos em sua dança. Tomando o seu corpo como referência de centro espacial, experimente gestos de expansão, pelos quais você fura/alcança/amplia espaços, crescendo, abrindo, dilatando em todas as direções e planos do espaço. Experimente também o recolhimento que vai na direção do corpo-centro, buscando ocupar o menor espaço, mais próximo de si. Alterne, explore a dinâmica entre esses dois movimentos: expansão e recolhimento.

Em uma outra pesquisa de movimento, dessa vez ao som de “Blue Lotus” (Angel Beaty), procure o movimento mínimo. Não necessariamente de recolhimento mais, mas aquele que é minimalista. Que para ser visto é preciso atenção. Pequeno, próximo, mínimo.

Depois de ter experimentado essa dança, busque reproduzir

esse mesmo tônus em um gesto criativo. Comece produzindo uma escrita (ou a produção artística a escolha) de modo expansivo. Lance mão de fluxos espontâneos, deixe que a criação se dê sem buscar, nesse momento, por nenhum acabamento ou precisão. Deixe que um fluxo inventivo se dê em sua máxima extensão até que se esgote. Depois, entre em contato com a produção realizada e comece agora a fazer escolhas de redução, visando torná-la mais consistente. Quando estiver satisfeita(o) com esse segundo formato, se proponha a alcançar um formato ainda mais reduzido. Tomando como exemplo a forma poética dos haikais, pergunte-se: do que você ainda pode abrir mão e qual é o mínimo inegociável da sua produção? Permita-se abrir mão do que ainda pode e permaneça com o mínimo. Sinta qual qualidade de expansão você consegue provocar através da redução.

Talvez seja interessante explorar um pouco mais aquilo que compreende esse “disparar” no curso “Escritas que Dançam, Corpos que Escrevem”. Por um lado, cada disparador evoca um conjunto de ações pelo(a) participante. A natureza dessas proposições tem sido diversa, mas, em geral, convida ao estabelecimento de alguma relação na qual a produção de corporeidades⁷ e de escritas se cruzam. Nesse sentido, podemos dizer que cada disparador busca dar, a(o) participante, a possibilidade de produção de um plano no qual corpos e poéticas são constituídos imbricadamente – pensemos nele como um plano de consistência, como em Deleuze e Guattari (1997, p. 39), no qual circulam “infinitos mais ou menos grandes” de partículas que se agrupam a partir de elementos heterogêneos - aqui, os corpos, as escritas, as telas, os objetos que interagem... Cada disparador é, portanto, um convite à instauração de um espaço e opera de formas distintas: uns funcionam a partir do convite à reiteração de um gesto, outros pelo convite a certa relação com um lugar, outros ainda pela convocação à experimentação de movimentos contínuos sugeridos etc.

Mas é no cruzamento desses planos corpo-poéticos, construído nos encontros síncronos com o grupo, que a incitação enunciada pelos disparadores adquire uma consistência afetiva bastante peculiar. Colocados em contato, esses planos de experiência construídos nas relações dos(as) participantes com os disparadores e nascidos das diversas situações e encontros, amplificam as forças do comum que se constitui naquela coletividade. Comum, então, que pode ser pensado não como uma promessa racional em favor de unificações, mas, como diz Peter Pál Pelbart, enquanto esse “reservatório de singularidades em variação contínua” (ELEMENTOS, 2021, p. 4) no qual as existências não param de se diferenciar e se alimentar do que segue lhes diferenciando.

É valioso lembrar que tal construção comum está na base do próprio ato educativo. Masschelein e Simons (2014) assinalam que o exercício de colocar algo em comum funda a própria possibilidade do educar: na sala de aula, como professoras e professores, colocamos textos, pensamentos, proposições de atividades – produções na “mesa” que ocupamos juntos – e é por lidarmos juntos e juntas com tais elementos que a aula, enquanto espaço de encontro, se produz e faz sentidos. Mas, no caso do “Escritas”, nossa atenção às corporeidades e ao caráter de produção de si mediado pelas produções dos participantes torna ainda mais visíveis as forças que nascem dos movimentos, escritas e experiências que ali se expõem, como cada um de nós.

Essa exposição mútua – que é, primeiro, a de cada um(a) daqueles(as) que se envolve com a proposta, e que se coloca “fora de posição” (ex-posto) e disponível a encontrar outras perspectivas (MASSCHELEIN, 2008, p. 37) – tem como efeito a constituição de um comum capaz de gerar engajamentos que não veem somente das individualidades presentes, mas das intensidades que nascem da comunicação entre corpos. Mesmo geograficamente distantes, o contato intensivo entre esses corpos gera um “turbilhão de pequenas percepções” (GIL, 2005, p. 26): a partir dessa

⁷ A noção de corporeidade imprime processualidade à própria ideia de “corpo”. Como define Le Moal (2008), tal conceito ressalta a miríade de elementos que não param de constituir nossos corpos - sua historicidade, força desejante, linguagem etc. Aqui, então, optamos por utilizar “corpo” e “corporeidade” como sinônimos, tendo em vista que tal caráter processual precisa, cremos, ser afirmado em ambos os enunciados.

partilha, se gera uma “atmosfera”, como diria José Gil (2001) ao se referir a essa espécie de “placa vibrátil” que se forma pela relação entre corpos, e que “transmite diretamente as forças de um corpo ao outro” (GIL, 2001, p. 146). É essa atmosfera que, produzida na conjunção dos corpos, em seguida os envolve, toma sua atenção, provoca suas relações; e é a partir de sua densidade, das intensidades partilhadas pelas existências ali envolvidas e produzidas, que nosso curso toma forma.

Propostas como o “Escritas”, portanto, parecem se desenvolver a partir da constituição de um laço intensivo que engancha os corpos pelo viés das mensagens e afetos que circulam entre eles. Trata-se, nos parece, de um vínculo que se promove pela força de comunicação entre corpos, do qual derivam enlances: da partilha que vai se constituindo por meio dos disparadores emerge outra, pela qual os(as) participantes entram em uma espécie de “regime diferenciado de composição”. É esse o comum extremamente produtivo que, integrando afetações múltiplas entre os corpos e os planos que se forma a partir delas, promove o surgimento de conceitos e ideias que, por sinal, darão origem a novos disparadores. Parece-nos que toda essa dinâmica afetiva do curso tem algumas coisas a nos ensinar sobre a constituição de laços sociais, seus sentidos e modos de operar.

Deixar o comum agir: condensar e absorver

O Escritas gera uma topografia importante. Nela, corpos-escritas se agenciam em continuidades e se apartam para formar novas aglutinações. É um jogo entre aquilo que Deleuze e Guattari (1997) chamaram de latitude e longitude dos corpos: latitude como expressão afetiva, capacidade do corpo; longitude como coordenada cinética, ritmo que delinea seu espaço em um determinado momento. (Queremos pensar os enlances como modos pelos quais tais latitudes e longitudes se compõem – gerando novos ritmos e, portanto, novos corpos e novas escrituras. O Escritas, em suas forças aglutinadoras, toma corpo e forma corpos, e é importante atentar para os modos como isso se dá.

É preciso, portanto, que nos voltemos um pouco mais às operações de produção intensiva e de comunicação entre corpos desencadeadas nos encontros do Escritas, pois é por meio delas que se efetuam muitos dos modos de enlace cartografados por esta pesquisa. O mais fundamental deles se viabiliza, como já pudemos notar, nos próprios disparadores e em seu funcionamento; eles são, certamente, os elementos centrais do curso, na medida em que comumente iniciam um processo de engajamento que é condição de existência da proposta.

Os disparadores desejam uma produção corpo-escritural que materializa o enlace fundamental da proposta: aquele que vincula a produção de corporeidade à construção escritural poética. Ao serem colocados em funcionamento, como já comentado, eles promovem processos de produção de diferença pelos quais se formam planos nos quais modos de ser corpo e de fazer escrita são experimentados. O que se dispara, portanto, é a emergência de um amálgama corpoescrita que inicia a possibilidade de experimentar certas modificações de si.

Mas é a partir dos encontros, nos quais os efeitos dos disparadores são colocados em comum, que emerge um conjunto bem mais complexo de enlances entre os corpos que participam da proposta. Há aqueles que derivam diretamente de certos enganchamentos captáveis na própria superfície da fala, uma vez que as narrativas que se delineiam no grupo são produzidas em meio a cortes e continuidades inventadas pelas participantes ao expressarem suas vivências: “eu vou continuar porque eu acho que vivi algo parecido”, diz uma delas; “eu pensei completamente diferente”, anuncia outra. Tais modos de interlocução estão bastante presentes nos encontros síncronos, povoando-os de conexões entre experiências que produzem os sentidos das conversas no mesmo momento em que elas se dão.

Note-se, porém, que não é apenas de conectivos entre afirmações que se trata. Em dado momento, uma das participantes, a quem chamaremos ficticiamente de Fernanda, falando da experiência que teve a partir do disparador do encontro, provoca o que viria a ser um conjunto de reflexões sobre aquilo que conecta as existências. “É isso que liga todo mundo: nós somos feitos da mesma coisa”, diria ela, unindo suas palavras a um desenho, de sua autoria, no qual se podia ver um corpo humano, ao centro, cravejado de estrelas, como um pedaço do cosmos, em meio a planetas, constelações e nebulosas. Após algumas outras falas sobre o tema, outra participante saca de seus arquivos imagens de uma tatuagem decalcada em sua perna, na qual se contempla outra pessoa,

sentada, em cujas entranhas se gesta e a partir da boca vaza o universo - ou que é tomada por toda a imensidão cósmica que nela entra, a depender da perspectiva. Ela diz: “Eu fiquei com vontade de mostrar minha tatuagem para, a Fernanda⁸ porque achei que combina muito com o que ela tava falando”.

As tatuagens não estavam aprioristicamente ali; foram convocadas pela força da mensagem que se estabelece a partir das palavras de Fernanda. Assim como, em outro momento da conversa, a ideia de “silêncio” que brota de um texto convoca a um conjunto de reflexões sobre modos de silenciar, o silêncio e o movimento etc. Situações como essa parecem desvelar um mecanismo fundamental de constituição do currículo fabulado e vivenciado conjuntamente durante o (per) curso do *Escritas*: a convocação das falas, umas às outras, a partir de narrativas nascidas da tentativa de captar a experiência vivenciada no encontro com os disparadores – “palavras que vão somando e criando um fluxo de pensamento”, de acordo com uma de suas participantes.

Os cruzamentos entre as falas declaram a natureza rizomática dos enlaces que se promovem entre as participantes: sua capacidade de conectar pontos heterogêneos, em um sistema sem centro ou hierarquia, que se prolifera de modo indeterminado (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Mas tal potência rizomática que enlaça, aqui, se soma a uma dinâmica de comunicação entre os corpos que, de tempos em tempos, leva as tendências proliferativas das narrativas das experiências a convergir em palavras-força específicas - palavras que, no instante em que são enunciadas, parecem, paradoxalmente, resumir tais proliferações. Vejamos tais palavras em funcionamento.

Felipe⁹ inicia a leitura de um texto escrito a partir de sua experiência com um disparador: “O dia está nublado; os rostos parecem igualmente nublados, e para as expressões parecem não existir guarda-chuvas (...)”. A partir de um texto que vai bem além desses inícios – e que carrega consigo o cansaço daquele que o assina no momento -, emerge todo um conjunto de elementos afetivos que parecem atraídos por tais “rostos nublados”, atualizando tal imagem na produção dos corpos ali presentes: o luto diante de uma perda, as emoções difíceis que por vezes tomam conta das vidas e escritas, a fala pausada e o semblante sério de uma intervenção que se segue. Mas vale notar, também, que os rostos nublados de Felipe são já uma reverberação: eles condensam um céu que lhe incomoda logo pela manhã, e um lamento que o acompanha a partir dele.

Estejamos atentos(as) a essa dinâmica: o céu experimentado por Felipe nele incorpora seu nublado. Nublado que persiste em sua escrita – ou melhor, no plano corporeocritural que se estabelece nessa experiência – e que, a partir dela, prossegue se adensando pela composição com uma atmosfera também nublada que surge da comunicação entre corpos, que lhe mantém funcionando, isto é, produzindo sentidos nos encontros que se desenrolam. Os corpos continuam nublados, na partilha, até que um novo elemento de sua composição escape, carregando consigo força suficiente para resumir outras proliferações e emergir como nova palavra-força.

No *Escritas*, temos compreendido que tal capacidade de atração das proliferações – ou seja, que tal capacidade de condensação de certas transversalidades intensivas que cruzam as experiências – é a matriz de formação dos conceitos centrais a serem trabalhados no decorrer do curso. É por isso que grande parte do trabalho de planejamento do disparador que se seguia a um encontro e convidava a outro estava focado, justamente, em uma espécie de catalogação de palavras-força que, em sua força conceitual, abriam espaço afetivo para a geração de novas ideias: “rostos nublados”, “ganchos”, “monstruosidade”, por exemplo, para ficarmos apenas em algumas daquelas que emergiram no encontro síncrono aqui narrado. Se, portanto, durante o encontro as palavras-força condensavam experiências vividas e composições conceituais, elas também funcionavam, tanto nele quanto no planejamento que se seguia, como produtoras de pensamento.

Mas, como uma espécie de par dialético dessa condensação, percebemos uma outra operação pela qual vemos surgir a matriz que produz laços entre os corpos no *Escritas*: a da absorção. Diferente da compreensão que usualmente se tem da relação entre absorver e aprender, em debates acerca da educação, aqui o corpo que absorve não está, em absoluto, em estado de passividade. Não é um corpo-depositário de qualquer conteúdo pré-estabelecido, mas sim um corpo-poroso, em estado de abertura ao que insurge e o atravessa. É um corpo disponível para integrar a si aquilo que o afeta: absorvendo as intensidades dos estranhamentos, digerindo-as

8 Nome fictício.

9 Nome fictício.

e enlaçando-as a si. Verificamos isso ao detectar que todos os movimentos realizados durante os encontros são feitos a partir daquilo que toca e convoca os participantes. Não havendo uma sequência pré-estabelecida, um ordenamento, para as manifestações, os participantes falam no momento em que desejam falar e isso insurge, via de regra, a partir de algo que acontece e os toca. Esse processo é, por vezes, expresso nas falas que demonstram identificação ou estranhamento com outras manifestações (por exemplo: “vou falar porque me identifiquei” ou “vou falar para mostrar um contraponto”) ou ainda por um arrebatamento de ordem mais indefinível (“vou falar porque me tocou/ porque me emocionei”). Entendemos que isso só é possível em um encontro onde existe tempo e espaço para receber aquilo que insurge na dignidade de sua singularidade – sem buscar rapidamente colonizar o que vem com entendimentos já estabelecidos – e permite que se experimente a extensão de seus efeitos: que se possa absorvê-lo.

Entremeado às falas, durante os encontros, costumam emergir alguns segundos de silêncio que são coletivamente sustentados, sem uma compulsão imediata em evitá-lo, preenchendo de um falatório qualquer. O silêncio, no contexto do Escritas, é muitas vezes esse espaço-tempo onde as intensidades dos encontros são absorvidas pelos participantes. A questão do silêncio é tematizada na metade final do encontro em questão, e uma das participantes diz:

Eu achei interessante a gente começar a falar de silêncio especificamente porque o primeiro silêncio que se deu aqui entre uma fala e outra já me tocou um pouquinho, né, e aí eu comecei a fazer uns apontamentos também, queria dividir: o silêncio grita, o som do silêncio absorve as palavras ouvidas, é o tempo de absorção de sentir o que foi sentido. Zélia diz que até em silêncio você participa, porque é preciso ter voz e usá-la para quebrar preconceitos, destruir estereótipos, disseminar conhecimento, mas e o que não se diz? O que quer dizer? O vazio, o espaço, o vácuo, o entre, o meio, o caminho, o jeito, é palpável o silêncio? É materializável o entre? É vazio o caminho? Quantas cabeças habitam o monstro do silêncio? O desconforto do silêncio preenche espaços antes inabitados, vazios, ociosos. De toda a absorção, fica o silêncio. Os silêncios ficam e fazem um barulho danado dentro de nós.

Cabe pontuar que essa participante começou a desenvolver o que denominou de “relatoria poética”, um texto escrito durante os encontros que cita, direta ou indiretamente, falas enunciadas nesse mesmo encontro, produzindo uma costura entre elas e que revela uma escuta profunda de sua autora. No caso dessa relatoria são citadas algumas outras menções acerca do silêncio que já haviam sido feitas. Como o caso da fala de um dos coordenadores da proposta, que havia dito, anteriormente: “Como que esses silêncios ficam até fazerem um barulho danado que nos fazem falar”. O tipo de silêncio experimentado nesse grupo não é nem da ordem do imperativo e nem da ordem do puro vazio; é algo, se expressa em positividade, algo que fala e que, portanto, se pode escutar. Mais do que isso: é algo que convoca a um tipo específico de escuta. Jean-Luc Nancy (2014), no texto “À escuta”, se questiona acerca de um antagonismo produzido por uma certa filosofia ocidental entre escutar e entender, como se o entendimento fosse aquilo que se substitui ou se sobrepõe ao gesto de escutar. Propondo um outro tipo de entendimento que inclua a dimensão da escuta, ele escreve:

O sujeito da escuta ou o sujeito à escuta (mas também aquele que está «sujeito à escuta» no sentido em que pode estar-se «sujeito a» uma perturbação, a uma afecção e a uma crise) não é um sujeito fenomenológico, quer dizer, não é um sujeito filosófico e, em definitivo, não é talvez nenhum sujeito, excepto ao ser o lugar da ressonância, da sua tensão e do seu ressalto infinitos (...) (NANCY, 2014, p.42).

O sujeito que está à escuta, portanto, é aquele que corre o risco de derrapar da própria noção clássica de sujeito, visto que se torna aberto, poroso, e se aproxima topologicamente de

um lugar de ressonância no qual podem falar já não mais o *eu* ou o *outro*, mas sim as vozes do encontro. E essa é a voz que conduz o curso do “Escritas que dançam, corpos que escrevem” que, tal qual o curso de um rio, é feito da relação constante, tensa e amorosa entre forma e fluxo. Uma de suas coordenadoras traz, durante o encontro em questão, uma reflexão acerca desse movimento:

Nesse tipo de conversa que a gente tá tendo, os silêncios - fazendo uma imagem - eu [os] enxergo muito como esse ponto da navegação em que a rota vai se fazendo, né, porque a nossa proposta aqui não é sair de um ponto e chegar no outro, isso vai acontecer, mas o que nos interessa aqui é exatamente esse caminho que a gente vai criar juntos, né, porque essa é um pouco a aventura: a aventura é que o que vai dizer desse caminho é o que cada um viveu, vive, traz consigo. E aí parece que é nesse silêncio que a rota vai se fazendo, por isso que eles são tão preciosos, eu acho, né. Porque ele vai dando essa dança entre deriva e caminho (...).

A tensão entre condensação e absorção, deriva e caminho, subjetividade das intimidades, voz e silêncio é mais propriamente aquilo a que convidam os disparadores do “Escritas que dançam, corpos que escrevem”, apostando na produção de um comum onde resistem as diferenças e na produção de enlacs que não cessam de se transformar.

O comum como um convite final: seguir os laços monstruosos

Talvez todo “entre” seja monstruoso por ser estrangeiro...

Comunidades se formam no Escritas. Elas emergem desse comum de que nos fala Jean Luc Nancy (2015; 2016), que “é da ordem do ser junto que precede toda a espécie de associação ou de reunião” (NANCY, 2015, p. 171). “Comum”, assinala ele, que é necessariamente “o existir de cada existente” (NANCY, 2015, p. 172). O autor nos lembra, de diversas maneiras, que o ser é ele mesmo relação; é, antes de tudo - antes do sujeito, antes do indivíduo - comunidade (NANCY, 2016). Nos parece que tal caráter comum, inerente à possibilidade de qualquer existência, se evidencia sobremodo quando colocamos nossos olhares e nossas intenções educacionais nas relações de corpos que se comunicam, como fizemos ao longo do curso “Escritas que Dançam, Corpos que Escrevem”.

Movimentos de partilha e composição, como aqueles que operam naquilo que temos chamado de condensações e absorções, funcionam justamente por meio de elementos que, muitas vezes alheios às vontades individuais, constituem planos nos quais as experiências, em sua força criativa, se dão. Tais planos são, de algum modo, monstruosos. Por um lado, eles evocam as fronteiras incômodas, por vezes insuportáveis, da presença do outro, do estrangeiro assustador a quem estamos irremediavelmente expostos em uma partilha como a do Escritas. Por outro, e mais importante, provocam composições inesperadas: conectam a angústia de uns com o luto de outros, a imagem de um rosto alegre com as memórias de um outro.

Se a monstruosidade desses agenciamentos é visualmente atestada pelos corpos que, empilhados em telas tão cotidianas no período de distanciamento social, se aglutinam uns sobre os outros, ela é ainda mais evidenciada pelas mensagens que se recompõem, pelas falas cruzadas e pelas demonstrações da ação do outro sobre si que povoam tantas das nossas conversas ao longo do curso. Talvez devamos, então, sonhar com modos mais monstruosos de construir nossas propostas educativas. Modos pelos quais experiências e produções inesperadas - talvez divergentes, quiçá destoantes - possam ressoar umas sobre as outras, em um contínuo deslocamento pelo qual as existências sejam convocadas à resposta e, assim, a serem outras. Quaisquer que sejam as maneiras que encontremos de fazer isso, quisemos lembrar, ao longo dessas reflexões, que elas passam por um cruzamento valioso entre produções de corpos e de comuns.

No caso de nosso curso, foi pelo encontro com as escritas que tais entrelaces se deram. Mas queremos lembrar que, como educadores e educadoras, temos sempre a responsabilidade de lidar

com um espaço especialmente em questão nesses tempos que já oscilam entre desafios remotos e condições presenciais, no qual tais enredamentos entre comunidade e corporeidade poderiam sempre estar presentes: a sala de aula, esse lugar que pode ser o de partilhas na diferença, de encontros estranhos, de convites inesperados. Que não nos falem poéticas, corpos e monstros por lá...

Referências

BOCCHETTI, André. De toques sutis a voadoras: por uma ética educacional a partir dos corpos. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v.5, n.3, p. 475-490, set-dez/2019.

BOCCHETTI, André. O furor como método: sentidos educacionais de uma prática somática. **Revista Cocar**, Belém, ed. esp. 4, p. 28-56, jul/dez. 2017.

CAMPOS, Marcio D'Olne. A arte de sulear-se. *In.*: SCHEINER, Teresa Cristina. **Interação Museu-Comunidade pela Educação Ambiental, Manual de apoio a Curso de Extensão Universitária**. Rio de Janeiro: TACNET Cultural UNI-RIO, 1991, p. 59-61.

COELHO, Carolina Marra S. Psicanálise e laço social - uma leitura do *Seminário 17. Mental*, Barbacena, ano IV, n. 6, jun/2006, p. 107-121.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** - vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** - vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

ELEMENTOS para uma Cartografia da Grupalidade. O Indivíduo, o Comum, a Comunidade, a Multidão (2010 : São Paulo, SP). *In.*: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento544502/elementos-para-uma-cartografia-da-grupalidade-o-individuo-o-comum-a-comunidade-a-multidao-2010-sao-paulo-sp>. Acesso em: 03 nov. 2019.

GIL, José. **Pequenas percepções**, *In.*: LINS, Daniel (org.). *Razão Nômade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p.19-32.

GIL, José. **Movimento Total: o corpo e a dança**. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.

GIL, José. **Metamorfoses do Corpo**. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LE MOAL, Philippe. **Dictionnaire de la danse**. Paris: Larrousse, 2008.

LEPECKI, André. **Movimento na pausa**. Trad. Ana Luiza Braga. Disponível na internet: <https://www.n-1edicoes.org/textos/147>. Acesso em: 02 out. 2020.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MASSCHELEIN, Jan. E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. **Educação & Realidade**, v. 33, n.1, jan/jun 2008, p. 35-48.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Marteen. **A pedagogia, a democracia, a escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

NANCY, Jean-Luc. **A comunidade inoperada**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

NANCY, Jean-Luc. Política e/ou política. **ALEA**, Rio de Janeiro, v. 17/1, pág. 166-178, jan-jun/2015.

NANCY, Jean-Luc. À escuta. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2014.

RANCIÈRE. Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Recebido em 29 de abril de 2022.

Aceito em 16 de agosto de 2022.